

Grande Entrevista

Braúlio de Brito

“A legislação tributária é sempre muito questionada”

O Presidente da Associação das Empresas Prestadoras de Serviço da Indústria Petrolífera angolana (AECIPA), Braúlio de Brito, é de opinião que os contribuintes esperam sempre do regulador, medidas e políticas que sejam menos penalizantes. O responsável considera difícil encontrar-se o ponto de equilíbrio entre as medidas tributárias de um país e os contribuintes fiscais.

Q

ue avaliação faz do Sector de Serviços de Petróleo e Gás? Como sabemos, este sector é um dos pilares fundamentais da Indústria Petrolífera angolana e como tal, da economia do nosso País, pois emprega cerca de 16 mil pessoas, incorpora empresas que fazem parte do leque dos maiores contribuintes fiscais de Angola e gera uma riqueza financeira de cerca de 300 mil milhões Kz por ano. Assim, em grande medida diria que este sector está estável, o que na realidade reflecte o estado da indústria petrolífera no geral, apesar de, e tendo em conta, os grandes desafios económicos e sociais que o mundo hoje vive.

Em qualquer parte do mundo a legislação tributária é sempre questionada, Angola não foge à regra. Os contribuintes esperam sempre do regulador medidas e políticas que sejam menos penalizantes. É difícil se encontrar o ponto de equilíbrio entre as medidas tributárias e os contribuintes fiscais? Temos aqui uma área em que, apesar dos progressos alcançados em termos regulatórios e ajustes efectuados, ainda devemos trabalhar muito. Entendemos os desafios que o País vive em termos de recolha de receitas e FOREX. Contudo, é importante que todas as partes continuem a dialogar para assegurar que as medidas tomadas ou a serem tomadas não causem efeitos destrutivos às empresas e aos negócios dos contribuintes.

O que se pode esperar com a ANGOLA Energy Month? O desafio a que nos preparamos com este evento é de, em conjunto com os stakeholders, fazermos uma incursão sobre os desafios e perspectivas que o sector petrolífero angolano oferece. Não só para o crescimento da nossa indústria petrolífera, mas também para que seja um suporte ao Programa de Desenvolvimento Nacional (PDN 2018 - 2022), no que tange à diversificação da economia. Continuamos a trilhar o caminho de um dia ver a economia angolana independente da indústria petrolífera. É nosso objectivo também, com a realização desta Conferência, realçarmos o 45º aniversário da Independência de Angola que,



“

A indústria petrolífera é um sector que, embora muito dinâmico é muito baseado em factores que não controlados por um só player ou um só país.

como sabemos, acarreta uma trajectória de inúmeros desafios e sucessos. Propomo-nos igualmente, realçar a importância da cadeia de valores do sector de serviços da indústria de O&G em Angola, como um dos principais empregadores de força de trabalho jovem, uma plataforma estratégica para a criação de negócios de angolanos para Angola e consequentemente, um dos principais alicerces da estabilidade económica-social de Angola.

Que balanço a AECIPA faz em torno do sector petrolífero, comparando com o passado para perspectivar o futuro? Tal como disse inicialmente, as perspectivas para o futuro são muito boas. Angola é um país de muitas oportunidades (não só para a indústria petrolífera, é claro) e como tal, as aprendizagens do passado, os desafios e sucessos do passado, têm tornado o nosso sector cada vez mais robusto e capaz de abordar o futuro.

A indústria petrolífera é um sector que, embora muito dinâmico, é baseado em factores que não são controlados por um só player ou

país. Por exemplo, temos as interações preço-procura-demanda, factores geopolíticos e outros, que muito influenciam o presente e futuro da indústria e por conseguinte da economia mundial. Assim, em momentos de “boa saúde” da indústria, é óbvio que países como o nosso beneficiem também em grande medida. Ora, o passado mais recente, apresentou-nos muitos desafios que acabaram por servir, na realidade, para que começássemos a estabelecer uma base mais sólida para o futuro.

Enquanto representante da AECIPA, que avaliação faz do impacto da COVID-19 no sector?

Tal como aconteceu em toda a parte do mundo, a COVID-19 teve um efeito negativo nas economias.

No sector de prestação de serviços não foi diferente, houve uma redução considerável dos serviços e por esta razão também muitas empresas foram obrigadas a reduzir a força de trabalho, embora a indústria petrolífera no geral, se tenha mantido operacional. Veremos como as coisas se vão desenvolver com a introdução

“

Propomo-nos igualmente, realçar a importância da cadeia de valores do sector de serviços da indústria de O&G em Angola, como um dos principais empregadores de força de trabalho jovem, uma plataforma estratégica para a criação de negócios de angolanos para Angola.

das vacinas e propostas de novos projectos que se vão desenhando.

O Decreto Presidencial nº 271/20 aprova o novo regime legal para a participação de empresas locais no sector petrolífero, encoraja a aquisição de bens e serviços nacionais e a substituição de trabalhadores expatriados por angolanos. O que se lhe oferece dizer?

Primeiro, é importante realçar que este Decreto Presidencial é muito bem-vindo e introduz uma mudança de paradigma significativa, pois transfere o foco para as empresas angolanas, ou seja, para todos aqueles serviços que hoje por hoje, já podem ser realizados por empresas genuinamente nacionais.

Temos aqui o início de uma dinâmica de empoderamento das empresas nacionais do sector o que, por arrasto, permitirá que se note a transferência de riqueza para outros sectores da economia angolana, fazendo com que o programa de diversificação económica tenha uma plataforma mais robusta e sustentável.

Qual seria a estruturação da indústria e da actividade empresarial num mundo com COVID-19?

A indústria e a actividade empresarial estão todos a adaptar-se a nova realidade. Passaremos a ter um mundo empresarial e não só. Um mundo global e muito mais tecnológico, onde infelizmente a intervenção humana irá decair. Por consequência, notaremos também maior atenção e rigor financeiro na gestão das empresas. Muitas actividades já não terão a mesma pujança, como consequência do impacto da pandemia serão reduzidos.

O desenvolvimento da capacidade de refinação de Angola passa necessariamente pela construção de refinarias? Deverá ser sempre uma combinação dos dois elementos. É importante um país com os recursos que o nosso possui, tenha um grau de auto-sustentabilidade nesse sector. O negócio de refinação é claramente lucrativo e estratégico, para além (no caso de Angola) de ser também um sector de geração de emprego, um factor muito importante para o equilíbrio social do nosso País.

Qual é a estratégia do sector para 2021 e anos subsequentes?

A estratégia do sector é definida pelo Executivo, no caso por via do Ministério dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás. Contudo, pelo que notamos, teremos entre outras acções, o relançamento de campanhas de exploração em alguns dos principais blocos, de novos projectos de desenvolvimento e uma atenção muito concentrada na implementação e desenvolvimento da estratégia do conteúdo local. Esses são alguns dados da estratégia do sector que me apraz mencionar.

Que políticas concretas a AECIPA tem tomado ou tem em carteira para tornar os serviços e tecnologia na Indústria Petrolífera com honorários reduzidos para facilitar a participação de mais empresas nacionais? Bom, a AECIPA não é propriamente um órgão decisor, mas sim uma organização que prima por tentar influenciar os vários decisores, em relação às políticas estratégicas do sector. Assim, iremos continuar a cooperar com esses decisores em representação dos nossos membros, de forma a assegurar

“

O negócio de refinação é claramente um negócio bastante lucrativo e estratégico, para além de no caso de Angola, ser também um sector de geração de emprego.

medidas que efectivamente promovam a criação de mais empregos no sector por um lado, e por outro, para em conjunto com a Agência Nacional de Petróleos e Bio-Combustíveis, assegurarmos a implementação de uma política de conteúdo local que seja efectivo e permita não só, a participação das empresas angolanas, mas sim o seu crescimento e por arrasto, uma contribuição dinâmica na estratégia de diversificação económica do Executivo.

Com a eleição de Angola à presidência rotativa na OPEP para o ano 2021. O sector petrolífero pode contar com dias melhores? A melhoria do sector petrolífero não é dependente desse aspecto. A OPEP tem na verdade um papel mais de regulador da produção petrolífera mundial e consequentemente da dinâmica do preço do barril de petróleo. O que determina a melhoria ou o bom desempenho da indústria petrolífera angolana é o ambiente regulatório e tributário, para além da estabilidade do preço do barril petróleo e atractivo, que permita a execução dos serviços correntes e a realização de novos investimento e incentivador a todos que queiram aqui operar ou investir.



Bráulio de Brito, presidente e fundador da Tradinter, empresa de serviços diversos

Presidente da Associação das Empresas de Prestação de Serviços da Indústria do Petróleo de Angola (AECIPA) e Chairman, Angola Oil & Gas Services & Technology Conference (AOTC). Actualmente preside a Câmara de Comércio Reino Unido-Angola, como seu primeiro Diretor Executivo, lançada em Dezembro de 2015. Bráulio, é engenheiro, formado pela Leeds University e Global Business Post-Graduate Diplomada pela Oxford University. É um conhecido líder empresarial angolano, que tem conseguido liderar, ao longo dos anos,

equipes altamente competitivas na indústria petrolífera, em empresas como Texaco, ExxonMobil, WorleyParsons Angola e Cameron Angola. Em 2012, Bráulio foi convidado pela Sra. Hilary Clinton, então secretária de Estado dos Estados Unidos, para participar da Conferência Global de Negócios, no Departamento de Estado, em Washington. Foi agraciado com o prestigioso prêmio "O Ano do Petróleo e Gás Angola 2016 - Homem do Ano", em reconhecimento às suas contribuições destacadas na liderança da AECIPA.